



PERU/ Meio século depois da queda de Alberto Fujimori, a filha Keiko assume o governo eleita por margem mínima de votos. Primeiro desafio será reconciliar e estabilizar o país, mergulhado em grave crise política e econômica

FUJIMORISMO retorna “reciclado”

» SILVIO QUEIROZ

O Peru celebra amanhã seu Dia Nacional na expectativa de romper com ao menos 10 anos sem que um único presidente eleito concluisse o mandato de cinco anos. A próxima a tentar a façanha será Keiko Fujimori, empresária e ex-deputada de 51 anos, expoente da direita. Ela venceu em segundo turno o esquerdista Roberto Sánchez, com margem na casa de 40 mil votos em um total inferior a 20 milhões — algo como 0,2%. Keiko toma posse 26 anos depois da queda de seu pai, Alberto Fujimori, ponto de partida para uma espiral de instabilidade política. Após três tentativas, chega à Presidência tendo pela frente um Congresso novamente bicameral, mas em clara minoria em ambas as casas. No discurso da diplomação, convocou os opositores à reconciliação — diferentemente do pai, que governou com poderes extraordinários.

“Nenhum governo poderá fazer o Peru avançar se continuar alimentando a divisão”, prometeu. A resposta inicial de Sánchez sugere que a presidente “não terá trabalho” fácil, como definiu para o **Correio** o professor da Universidade de Brasília (UnB) Roberto Goulart Menezes. “Como podemos beijar a sua mão?”, disparou o líder da esquerda. “A primeira coisa que a senhora Fujimori deveria fazer é ajoelhar-se e pedir perdão.”

Desafios

“Essa reconciliação vai se expressar, sobretudo, nos primeiros meses, nos projetos que ela apresentar, se forem notadamente de interesse do país, sem colocar em questão a soberania — por exemplo, com a entrega de minerais estratégicos a empresas dos EUA ou de outro país”, explica o professor titular do Instituto de Relações Internacionais (Irel/UnB).

“O primeiro desafio de Keiko será transformar a legitimidade eleitoral em governabilidade”, reforça o professor de relações internacionais

Roberto Uebel, da ESPM. Ele lembra que seu partido, Força Popular, detém as maiores bancadas, mas longe de compor maioria: 22 dos 60 senadores e 40 dos 130 deputados. “Ela terá de negociar com forças da direita e do centro”, disse o estudioso à reportagem. “Deverá ser inicialmente um governo pragmático, permanentemente pressionado pela fragilidade da vitória eleitoral.”

O professor do Irel/UnB vê na recriação do Senado — extinto pela Constituição fujimorista, emendada mas ainda em vigor — uma oportunidade para a presidente. “Um dos elementos para a instabilidade política permanente no Peru foi o modelo unicameral: bastava que dois ou três grupos tivessem maioria para que declarassem o presidente ‘incapaz’ e o tirassem do poder. Com duas casas legislativas, uma delas revisora, isso pode dar mais estabilidade”, arrisca. “Mas precisamos conferir.”

Nova versão

Roberto Uebel concorda que Keiko encarna, em certa medida, um fujimorismo atualizado. “Reciclado, porque combina renovação geracional, linguagem tecnocrática e alianças pragmáticas”, observa. Mas com a ressalva de que preserva “elementos do legado do pai: personalismo, centralização decisória e segurança baseada na ‘mão dura’, ou seja, autoritarismo”.

Esse último aspecto, em especial, leva Menezes a recusar o termo “reciclado” para descrever o ideário da nova mandatária. “É um projeto político que ela tenta restabelecer desde 2011”, argumenta. “É uma linha de extrema direita, e se ela estiver muito a corda vamos ter mobilização social, nas ruas”, alerta.

“A esquerda dificilmente aceitará uma conciliação meramente discursiva”, concorda o especialista da ESPM. “A reconciliação só será possível se Keiko aceitar um diálogo substantivo, sem confundir unidade nacional com submissão da oposição — algo que seu pai não soube fazer.”

Connie France/AFP



O apelo da presidente: “Nenhum governo poderá fazer o Peru avançar se continuar alimentando a divisão”

Palavra de especialista

Arquivo pessoal



“O país está cansado”

“O Peru é um país empobrecido, busca enfrentar a desigualdade social e econômica, que é gigantesca e vem de décadas. A receita que Alberto Fujimori apresentou, desde 1990, inclui uma Constituição — que segue em vigor — que concentra poder, dá mais poderes de repressão ao Estado.

O desafio de Keiko é fazer a economia crescer e, ao mesmo tempo, manter-se alinhada aos EUA. Porque o maior comprador do minério peruano e das exportações, em geral, é a China. A pressão de Washington contra essa presença tende a ser grande. Vale lembrar o porto de Chankai, que é moderno, foi construído pela China e encurtou de 40 para 28 dias o tempo de viagem até o Peru.”

Roberto Goulart Menezes é professor titular do Instituto de Relações Internacionais (Irel) da UnB

CISJORDÂNIA

Colonos profanam mesquitas

» RODRIGO CRAVEIRO

Os 7.500 moradores do vilarejo palestino de Qusra, localizado na Cisjordânia ocupada, a 48km de Nablus, foram surpreendidos, na madrugada de ontem, por um ataque de colonos judeus. Em entrevista ao **Correio**, Abdelazim Wadi, prefeito de Qusra, contou que a Mesquita de Al-Rahma foi incendiada pelos invasores às 3h pelo horário local (21h de sábado em Brasília). “Eles rabiscaram nas paredes da mesquita inscrições como: ‘Vingança por Eliyahu’ — sexta-feira, dois israelense e quatro palestinos foram mortos durante confrontos depois de uma incursão de colonos à cidade de Tel. Também escreveram ‘O incêndio começa pelas mesquitas’ e ‘Israel será estabelecido com sangue’”, relatou.

De acordo com o prefeito, a população está tomada por um “intenso medo”. “Não conseguimos proteger os cidadãos. Os colonos realizam esses incêndios em grupos organizados. Desde 7 de outubro de 2023, o perigo para o vilarejo tem aumentado diariamente. Em 12 de outubro daquele ano, tivemos seis mártires em um único dia. Em 13 de abril de 2024, carros, casas e um mercado foram queimados, e ovelhas acabaram mortas. A violência dos colonos ocorre todos os dias na Cisjordânia.”

John Wessels/AFP



Palestino prepara-se para orar em mesquita queimada na vila de Qusra

Convivência

Wadi acusou as Forças de Defesa de Israel (IDF) de convivência. “O Exército israelense interveém somente depois dos ataques, ficando ao lado dos colonos. Desde 7 de outubro, o ódio e o racismo vieram à tona e o Exército não dá ouvidos aos moradores do vilarejo”, acrescentou o prefeito. As IDF informaram à reportagem que, na manhã de ontem, militares foram enviados aos arredores de Qusra. “Os soldados buscaram suspeitos que fugiram antes de sua chegada

e identificaram sinais de incêndio criminoso e pichações. Policiais de Israel do Distrito da Judeia e Samaria entrarão na área, sob a segurança das IDF, para coletar depoimentos e evidências”, afirmaram. Ontem, as IDF anunciaram a prisão de mais de 130 pessoas na Cisjordânia no fim de semana.

Em um incidente distinto, colonos judeus atearam fogo a uma mesquita na vila de Kour, a 12km a sudeste da cidade de Tulkarem, também na Cisjordânia ocupada. Os vândalos picharam slogans racistas nos muros do local.

TERROR NA ALEMANHA

Suspeito de ataque é morto

A polícia alemã informou que matou o suspeito do atropelamento deliberado contra pedestres nos arredores da Marcha do Orgulho LGBTQIA+ em Berlim. O incidente, às 22h de sábado (pelo horário local), deixou um morto e 29 feridos. Mais cedo, o ministro do Interior, Alexander Dobrindt, disse que o atropelamento foi “um ataque terrorista islamista” e afirmou que o suspeito era um “cidadão alemão de origem libanesa”, identificado como Abdul Balout, de 21 anos.

Por meio de um comunicado na rede social X, a polícia de Berlim afirmou que os agentes localizaram o suspeito e que esse “correu na direção deles com uma arma branca”, o que levou os membros das forças de segurança a abrirem fogo. O homem morreu “no lugar dos fatos”.

De acordo com os veículos de imprensa *Der Spiegel* e *Bild*, Balout tentou se juntar ao grupo extremista Estado Islâmico (EI) na Síria em 2025, mas foi preso no Líbano. Foi enviado à Alemanha, onde acabou condenado, em 2026, em outro caso por “preparar um grave ato de violência subversiva”, acrescentaram, sem especificar o crime.

O atropelamento interrompeu o que seria um dia de celebração para as centenas de milhares de

Ralf Hirschberger/AFP



A van após bater em árvore: alvo era marcha do orgulho LGBTQIA+

pessoas que participavam de um dos maiores eventos do Orgulho LGBTQIA+ da Europa. Uma van branca atingiu várias pessoas na extremidade sul do Parque Tiergarten, no centro de Berlim, antes de colidir com uma árvore.

A polícia explicou que “uma ou mais” pessoas abandonaram o veículo e fugiram do local. Também foram relatados ferimentos com arma branca. Um porta-voz dos bombeiros indicou que uma pessoa morreu e 16 ficaram feridas. Posteriormente, o número de feridos subiu para 29.

“Ato abominável”

O ataque ocorreu a algumas centenas de metros do final do percurso da Marcha do Orgulho LGBTQIA+ e do palco principal do evento, no emblemático Portão de Brandemburgo, em Berlim.

O prefeito de Berlim, Kai Wegner, condenou o ataque “da maneira mais brutal” contra “uma manifestação por uma Berlim tolerante e pacífica”. O chanceler Friedrich Merz prometeu levar à Justiça os responsáveis por esse “ato abominável”.